

A FORÇA É DEUS? Parte 1

A “Força” aparece em todos os filmes da série “Guerra nas Estrelas”.

Ela é descrita como algo impessoal, não pode ser vista nem tocada. Mas pode modificar a vida de um ser humano, tornando-o alguém melhor e mais dedicado ao bem-estar alheio. É uma fonte de muito poder, com um limite desconhecido, e se coloca à disposição daqueles que a compreendem e sabem empregá-la.

Do ponto de vista cristão, a “Força” seria Deus? Teria o diretor George Lucas, criador da série “Guerra nas Estrelas”, desenvolvido este conceito para representar a relação criatura-Criador? Seguindo esse raciocínio, seriam os cavaleiros Jedi, mestres no conhecimento e devoção à “Força”, aqueles que assumem uma vida como discípulos de Jesus (JEDI = JEsus DIsciples)?

Este texto analisa os 6 primeiros filmes da série “Guerra nas Estrelas” e os conceitos espiritualistas da trama.

Contudo, antes de mais nada, é preciso lembrar que nenhum filme é bom ou mal em si mesmo. A influência da sétima arte sobre o ser humano é a mesma da literatura, da arquitetura, da TV, do teatro, da dança, do rádio, dos quadrinhos e da música. O problema é a forma como absorvemos as informações de cada uma destas fontes.

"GUERRA NAS ESTRELAS"

O fanatismo pelo universo de Guerra nas Estrelas é maior do que muita gente imagina. No ano de 1999, na estréia de “Episódio 1 - A Ameaça Fantasma”, quarta produção da série, fãs acamparam na porta dos cinemas americanos um mês antes do filme entrar em cartaz. Levaram barracas, cadeiras, sacos de dormir, televisões, computadores e alguns apareceram fantasiados. Em Los Angeles, no fim de abril de 2002, dois meses antes da estréia de “Episódio 2 – A Guerra dos Clones”, a história se repetiu. À porta do Teatro Chinês estavam os fãs da série, ansiosos pela estréia do novo filme. Existe até uma "religião", de devotos dos preceitos Jedi.

Para compreender essa veneração é necessário analisar os conceitos sobre os quais a série foi desenvolvida. O “faroeste especial”, como já foi definida, nasceu com base nas teorias de Joseph Campbell, um dos maiores especialistas em mitologia que já existiu. George Lucas, fã de Campbell, seguiu corretamente o conceitos do livro “O Poder do Mito” no universo de “Guerra nas Estrelas”.

Esse “culto” à saga de Darth Vader e Luke Skywalker não tem limite de idade e conquista gerações a cada novo produto ou sub-produto. Foi assim desde o primeiro filme, lançado nos anos 1970, período sem internet e de difícil compartilhamento de informação. Foi graças aos fanzines, jornais artesanais, produzidos em pequena quantidade, para divulgar algum fenômeno pelo qual um grupo nutra paixão ou fanatismo, que a saga de George Lucas ganhou uma legião de fãs.

Para o crescimento dessa veneração também colaborou o fenômeno do vídeo-cassete, que se popularizou à medida que a trilogia inicial chegava ao cinema. Assim, era mais fácil assistir duas, três, quatro ou mais vezes cada um dos filmes, com atenção aos detalhes, personagens, frases e sequências de ação.

Sequências de ação e de impacto. Toda a tecnologia de animação e de efeitos especiais da série “Guerra nas Estrelas” foi desenvolvida especialmente para os filmes, com a intenção de deixar a platéia atônita ao movimento realista das naves espaciais, às convincentes perseguições sob tiros laser e aos combates de espadas reluzentes em cenários gigantescos.

Mas a explicação do sucesso ultrapassa a celuloide e chega à sociedade americana. Em 1977, os Estados Unidos ainda estavam sob as sequelas da derrota no Vietnã e do escândalo de Watergate. O cinismo estava inserido na população e ninguém mais tinha certeza de quem era o bom e o mau na história.

O “sonho americano”, de uma sociedade perfeita, havia desabado. Durante os anos de produção de “Guerra nas Estrelas”, muitos acreditavam que a América tinha perdido sua grandiosidade. A sociedade americana não era mais um modelo para o mundo. Além da crise na política, havia também o crescimento do uso das drogas, os abusos da revolução sexual e a desintegração das famílias. Tudo que poderia representar o ideal americano, desapareceu.

Era o momento certo para a fantasia reinar. Foi assim que “Guerra nas Estrelas” capturou as atenções e deu um sentimento de unidade cultural e propósito. Todos queriam dominar uma “Força” que tivesse a capacidade de manipular a realidade. “Guerra nas Estrelas” trouxe respostas simples, mostrando que o bem e o mal poderiam, sim, ser facilmente identificados - e quais as consequências para quem decidisse seguir cada esses caminhos.

O primeiro filme lançado não deixa dúvidas de quem é o mocinho e o bandido. Uma aventura espacial, sem limites. Lúdico, uma fuga absoluta da realidade.

Os próximos dois episódios se fizeram valer do otimismo que abriu a década de 80, com Ronald Reagan. Ali, os exércitos do Império, liderados por Darth Vader, foram massacrados como se fossem soldados russos. E cada vitória no espaço fictício ajudava no lobby pelo arsenal espacial americano da vida real. Era preciso construir uma armada inter-planetária como aquela vista no cinema, capaz de interceptar qualquer invasão inimiga. Mesmo que ela viesse do Velho Continente...

RELEMBRE OS FILMES

Antes de analisarmos as características da série “Guerra nas Estrelas” é preciso lembrar um pouco da história de cada filme.

George Lucas concebeu a história, originalmente, em nove episódios, divididos em três partes iguais. A primeira trilogia filmada foi composta pelos episódios 4, 5 e 6, respectivamente “Guerra nas Estrelas – Uma Nova Esperança”, “O Império Contra-Ataca” e “O Retorno de Jedi”. A segunda trilogia é composta pelos episódios 1, 2 e 3, respectivamente “A Ameaça Fantasma”, “A Guerra dos Clones” e “A Vinganças dos Sith”.

A terceira e última trilogia, com os episódios 7, 8 e 9 chega aos cinemas a partir de 2015 - e não foi levada em consideração para essa análise. A seguir, um breve resumo de cada episódio :

Episódio 1 - “A Ameaça Fantasma” (1999)

Apresenta o início da saga de Anakin Skywalker. No futuro, o menino se tornará Darth Vader, por se render ao lado negro da “Força”. O menino, de grande potencial, é descoberto pois dois Jedi: Quin Gon Jinn (Liam Neeson) e Obi Wan Kenobi (Ewan McGregor). Os dois tem a missão de escoltar a rainha Amidala (Natalie Portman) para uma negociação de paz no Senado. O planeta da rainha está sob ataque da confederação e ela retorna, juntamente com os Jedis e Anakin, para ajudar seu povo a vencer o confronto.

Episódio 2 - “A Guerra dos Clones” (2002)

Este filme mostra o treinamento de Anakin Skywalker (Hayden Christensen) para se tornar um Jedi e controlar a “Força”, sob os ensinamentos de Obi Wan Kenobi (Ewan McGregor). Agora Anakin já é um jovem e mostra que não concorda com tudo que lhe é ensinado – nem mesmo com a proibição de se render ao amor de uma mulher. Anakin decide voltar para seu planeta natal para resgatar a mãe, enquanto Obi Wan tenta desmascarar uma trama intergaláctica em torno da produção de um exército de clones.

Episódio 3 – “A Vingança dos Sith” (2005)

Anakin Skywalker (Hayden Christensen) é um Jedi rebelde, que não consegue resistir à tentação do lado negro da “Força”. Ele se torna discípulo dos Sith, depois da morte da jovem que ama e passa a servir ao Império. Este filme mostra o surgimento de Darth Vader, o massacre cruel dos guerreiros Jedi e o fim da República. O Império toma o poder da galáxia, de forma impiedosa e Anakyn se torna Darth Vader.

Episódio 4 - “Guerra nas Estrelas - Uma Nova Esperança” (1977)

O filme se passa muitos anos depois do episódio 3 e mostra a saga de Luke Skywalker (Mark Hamill). Ele é envolvido na guerra entre os rebeldes e o Império quando conhece o velho mestre Jedi Obi Wan Kenobi (Alec Guinness). A princesa Leia (Carrie Fisher), defensora dos rebeldes, pede que Obi Wan transporte os planos de destruição de uma gigantesca espaçonave de guerra, a Estrela da Morte. A viagem é feita com a ajuda do contrabandista Han Solo (Harrison Ford), que se junta aos rebeldes.

Episódio 5 - “O Império Contra-Ataca” (1980)

Esse filme, que segundo os fãs é o melhor da série, se passa após a destruição da Estrela da Morte, no filme anterior. Agora, o Império Galáctico avança sobre os rebeldes e a princesa Leia (Carrie Fisher) e Han Solo (Harrison Ford) fogem para a Cidade das Nuvens, onde são capturados. Luke Skywalker (Mark Hamill) vai para outro lado do universo, o planeta Dagobah, para ser treinado como Jedi. Luke enfrenta pela primeira vez Darth Vader e perde o confronto, mas descobre que ele é seu pai.

Episódio 6 - “O Retorno do Jedi” (1983)

O Império recomeça a construção da Estrela da Morte e continua a perseguição aos rebeldes. Luke (Mark Hamill) e Leia (Carrie Fisher) vão em busca de Han Solo (Harrison Ford), congelado e entregue para um negociante. Os rebeldes organizam em um ataque à nova Estrela da Morte. Luke se entrega para Darth Vader, em busca de um confronto final. O jovem consegue vencer o lado negro e derrota o Império com a ajudar de Vader, que morre em sacrifício do filho.

Confira, no texto seguinte, os conceitos da "Força", apresentados em cada um desses filmes.

A Força é Deus? Parte 2:

<http://www.deusnogibi.com.br/textos-de-apoio/a-forca-e-deus-parte-2/>